

USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EJA: CONTRIBUIÇÕES DO WHATSAPP PARA A PERMANÊNCIA DE MULHERES

THE USE OF DIGITAL TECHNOLOGIES IN ADULT EDUCATION: HOW WHATSAPP HELPS WOMEN STAY IN SCHOOL

EL USO DE LAS TECNOLOGÍAS DIGITALES EN LA EDUCACIÓN DE ADULTOS: LA CONTRIBUCIÓN DE WHATSAPP A LA PERMANENCIA DE LAS MUJERES

Antônio Vieira dos Santos

Mestrando em Ciências da Educação e Ética Cristã
Ivy Enber Christian University (ENBER), Flórida, USA
<https://orcid.org/0009-0001-5185-9056>

Iracema Maia de Souza

Mestranda em Ciências da Educação e Ética Cristã
Ivy Enber Christian University (ENBER), Flórida, USA
<https://orcid.org/0009-0006-3647-1631>

Roberta Cardoso Alvarenga

Mestranda em Educação com ênfase em TIC's na Educação
Universidad Europea del Atlántico (UNEATLANTICO), Santander, Cantabria, Espanha
<https://orcid.org/0009-0006-5481-1986>

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i5.669>

Aceito em: 28.05.2026

Resumo: Primeiramente, sair da EJA antes de terminar não costuma ser uma decisão. É, na maioria das vezes, o resultado de condições que se acumularam sem que a escola conseguisse intervir a tempo. Este artigo toma essa premissa como ponto de partida para discutir, em perspectiva bibliográfica e documental, o potencial do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica de apoio à permanência de mulheres nessa modalidade, com atenção ao contexto amazônico. Trata-se de revisão bibliográfica narrativa crítica, de abordagem qualitativa, fundamentada em análise documental e produção acadêmica especializada. Fatores como trabalho, maternidade, desigualdade social, sobrecarga doméstica e fragilidade das políticas públicas para a EJA condicionam as trajetórias femininas de modo persistente. A pesquisa é qualitativa, fundamentada em artigos, dissertações, trabalhos acadêmicos e normativas oficiais selecionados por pertinência temática. A literatura sugere que o *WhatsApp* pode ampliar a comunicação entre escola e estudantes, apoiar o acompanhamento de atividades e fortalecer o vínculo pedagógico em momentos de risco de afastamento. Seu uso não substitui políticas educacionais estruturantes, mas pode compor estratégias situadas de permanência quando articulado às especificidades do público da EJA e às realidades territoriais amazônicas.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; permanência escolar; mulheres; WhatsApp; tecnologias digitais.

Abstract: First, dropping out of adult education before completing the program is not usually a conscious decision. More often than not, it is the result of circumstances that have accumulated without the school being able to intervene in time. This article takes this premise as a starting point to discuss, from a literature- and document-based perspective, the potential of *WhatsApp* as an educational tool to support women's retention in this program, with a focus on the Amazonian context. Factors such as work, motherhood, social inequality, domestic overload, and the fragility of public policies for adult education persistently shape women's educational trajectories. The research is qualitative, grounded in articles, dissertations, academic papers, and official regulations selected for thematic relevance. The literature suggests that *WhatsApp* can enhance communication between schools and students, support the monitoring of activities, and strengthen the pedagogical bond during moments of risk of dropout. Its use does not replace structural educational policies, but it can form part of context-specific retention strategies when tailored to the specificities of the EJA student population and the territorial realities of the Amazon.

Keywords: Youth and Adult Education; school retention; women; WhatsApp; digital technologies.

Resumen: En primer lugar, abandonar la EJA antes de terminar no suele ser una decisión. En la mayoría de los casos, es el resultado de una serie de circunstancias que se han ido acumulando sin que la escuela haya podido intervenir a tiempo. Este artículo toma esta premisa como punto de partida para analizar, desde una perspectiva bibliográfica y documental, el potencial de *WhatsApp* como herramienta pedagógica de apoyo a la permanencia de las mujeres en esta modalidad, prestando especial atención al contexto amazónico. Factores como el trabajo, la maternidad, la desigualdad social, la sobrecarga doméstica y la fragilidad de las políticas públicas para la EJA condicionan de manera persistente las trayectorias de las mujeres. La investigación es cualitativa y se basa en artículos, tesis, trabajos académicos y normativas oficiales seleccionados por su pertinencia temática. La literatura sugiere que *WhatsApp* puede ampliar la comunicación entre la escuela y los estudiantes, facilitar el seguimiento de las actividades y fortalecer el vínculo pedagógico en momentos de riesgo de abandono. Su uso no sustituye a las políticas educativas estructurales, pero puede formar parte de estrategias de permanencia situadas cuando se articula con las especificidades del público de la EJA y las realidades territoriales amazónicas.

Palabras clave: Educación de Jóvenes y Adultos; permanencia escolar; mujeres; WhatsApp; tecnologías digitales.

1 Introdução

Ampliação do uso de tecnologias digitais no cotidiano social tem produzido efeitos diretos sobre as formas de ensinar, aprender e manter vínculos institucionais. Na Educação de Jovens e Adultos, esse debate ganha densidade própria, porque envolve sujeitos cujas trajetórias escolares foram marcadas por interrupções, retornos e tentativas sucessivas de conciliar estudo, trabalho e responsabilidades familiares.

Nesse cenário, a discussão sobre permanência escolar não pode ser dissociada dos modos pelos quais a escola consegue comunicar-se com seus estudantes, acolher suas necessidades e sustentar processos pedagógicos compatíveis com a realidade vivida.

Embora o texto dialogue com realidades municipais amazônicas, a discussão proposta não se organiza como estudo de caso empírico. O ponto de partida é outro: examinar se a literatura disponível autoriza pensar o *WhatsApp* como instrumento pedagógico capaz de colaborar com a permanência escolar de mulheres na EJA em contextos marcados por vulnerabilidades sociais e territoriais. Essa distinção metodológica é decisiva, porque impede generalizações precipitadas e, ao mesmo tempo, preserva a força analítica do recorte amazônico como horizonte de aplicação das reflexões desenvolvidas.

No caso da EJA, a permanência é parte constitutiva do direito à Educação, e não um efeito secundário do acesso. A oferta educacional precisa considerar a especificidade do público atendido, a flexibilidade dos tempos escolares e as condições concretas de continuidade dos estudos, sobretudo quando se trata de redes públicas municipais, nas quais a modalidade frequentemente ocupa posição frágil no conjunto das políticas educacionais (Silva; Soares, 2021).

Quando o recorte se volta para mulheres estudantes, a análise torna-se ainda mais exigente. A literatura mostra que abandono, retorno e permanência escolar costumam ser atravessados por maternidade, sobrecarga doméstica, trabalho remunerado precário, trajetos urbanos inseguros e redes de apoio insuficientes. Em contextos amazônicos, essas condições se articulam a desigualdades territoriais que tornam o vínculo com a escola ainda mais vulnerável, especialmente em percursos educativos já interrompidos anteriormente (Lima, 2025; Barretto; Musial, 2021).

Ao mesmo tempo, estudos sobre o uso pedagógico do *WhatsApp* na EJA e no PROEJA sugerem que esse aplicativo pode ultrapassar a condição de instrumento meramente comunicacional. Quando inserido em uma mediação didática intencional, ele favorece a circulação de orientações, o envio de atividades, a interlocução entre docente e estudante e o acompanhamento mais próximo do percurso formativo, ainda que não substitua a aula presencial nem resolva, por si só, os obstáculos estruturais da modalidade (Lima, 2020).

Diante disso, este artigo tem por objetivo discutir de que modo o *WhatsApp* pode contribuir como ferramenta pedagógica para a permanência de mulheres na EJA, considerando contextos amazônicos de oferta educacional.

O texto parte de uma abordagem bibliográfica e documental, organizada em torno de quatro eixos: o direito à EJA e a permanência escolar; as trajetórias de mulheres nessa modalidade; o papel das tecnologias digitais na mediação pedagógica; e a articulação possível entre esses

elementos em contextos social e territorialmente sensíveis. Mais do que afirmar resultados empíricos inexistentes, a proposta consiste em construir uma interpretação teórica consistente, ancorada em bibliografia acadêmica real e em normativas atuais.

Por meio da seguinte questão norteadora: em que medida o uso pedagógico do *WhatsApp* pode contribuir para estratégias institucionais de permanência escolar de mulheres na Educação de Jovens e Adultos em contextos amazônicos socialmente vulneráveis?

Parte-se da hipótese de que mediações digitais de baixa complexidade técnica, quando articuladas a práticas pedagógicas institucionalmente planejadas, podem fortalecer vínculos escolares e reduzir processos silenciosos de afastamento na EJA feminina.

2 Referencial teórico

2.1 EJA, direito à educação e permanência escolar

A EJA constitui uma modalidade da Educação Básica voltada a sujeitos que não iniciaram ou não concluíram sua escolarização em tempo regular. Por essa razão, sua organização não pode reproduzir, de forma automática, os mesmos pressupostos de tempo, ritmo e permanência da escolarização regular. A normativa nacional recente reforça que o atendimento à EJA deve ser orientado pelo objetivo de garantir acesso, permanência e continuidade dos estudos, considerando percursos interrompidos e necessidades específicas dos estudantes que retornam à escola (Brasil, 2025).

Essa compreensão também aparece nas diretrizes operacionais de 2021, que autorizam formas flexíveis de oferta, admitem diferentes arranjos pedagógicos e reconhecem que a modalidade precisa compatibilizar escolarização, certificação e realidade social do público atendido. Em vez de uma estrutura rígida, a EJA exige desenho institucional capaz de lidar com infrequência, tempo reduzido para estudo extraclasse e demandas concretas de estudantes trabalhadores, sem perder de vista a qualidade formativa do processo educativo (Brasil, 2021).

A noção de educação ao longo da vida, reiterada nas diretrizes da modalidade, também amplia o modo de compreender a permanência. Ela desloca a EJA de um lugar suplementar e a inscreve como política destinada a sujeitos cujos percursos escolares não seguem linearidade. Sob essa perspectiva, permanecer não significa apenas evitar evasão estatística, mas garantir condições para que jovens e adultos possam reconstruir sua relação com o conhecimento, com a escolarização formal e com seus projetos de futuro em diferentes momentos da vida (Brasil, 2021).

Apesar desse amparo legal, a literatura indica que a modalidade segue marcada por descontinuidade, baixa prioridade política e fragilidade institucional. No âmbito municipal, persistem dificuldades relativas a formação de professores, a oferta de vagas em horários compatíveis com o público e a consolidação de propostas pedagógicas que reconheçam as especificidades dos sujeitos jovens, adultos e idosos. O problema, portanto, não se limita à matrícula; ele se prolonga na capacidade efetiva de sustentar trajetórias escolares até sua conclusão (Silva; Soares, 2021).

A literatura sobre oferta municipal da EJA evidencia, ainda, que a simples existência de turmas não garante a consolidação de uma política educacional adequada. A modalidade requer gestão específica, formação continuada sensível ao perfil do público atendido e reconhecimento de que jovens e adultos não chegam à escola como sujeitos deficitários, mas como portadores de experiências sociais e saberes constituídos fora do espaço formal. Quando a rede municipal ignora essas singularidades, a permanência tende a ser compreendida como responsabilidade exclusiva do estudante, e não como compromisso institucional compartilhado (Silva; Soares, 2021).

Neste contexto, a pandemia de Covid-19 tornou esse quadro ainda mais visível. As revisões recentes apontam que a EJA foi duramente impactada pelo ensino remoto emergencial, pela desarticulação entre esferas de governo e pela insuficiência de suportes materiais e pedagógicos para seus estudantes. Embora o período tenha ampliado debates sobre mediação tecnológica, também expôs a profundidade das desigualdades socioeducacionais que afetam essa modalidade, agravando processos de invisibilização e fragilização do direito à Educação (Carreira; Di Pierro, 2025).

Outro elemento que precisa ser considerado é a retração histórica da modalidade no cenário nacional. A queda de matrículas, o fechamento de turmas e a baixa centralidade da EJA nas prioridades educacionais fragilizam a permanência antes mesmo do início do ano letivo, porque produzem ambientes institucionais pouco estáveis, com reduzido investimento pedagógico e escasso reconhecimento de suas especificidades. Em tal conjuntura, qualquer estratégia de permanência precisa enfrentar não apenas obstáculos individuais, mas também o enfraquecimento estrutural das políticas dirigidas ao público jovem e adulto (Carreira; Di Pierro, 2025).

Nesse contexto, a relação entre EJA, trabalho e tecnologias digitais não deve ser lida como um debate lateral. Muitos estudantes retornam à escola já inseridos em rotinas laborais precárias, empregos instáveis ou trabalhos informais, o que altera suas condições de frequência e de participação escolar. Por isso, discutir mediações digitais na EJA implica pensar estratégias pedagógicas que dialoguem com a vida concreta desses sujeitos, e não apenas com uma ideia abstrata de inovação tecnológica (Ribeiro, 2022).

Outro ponto decisivo reside na articulação entre permanência e qualidade social da oferta. Não basta flexibilizar tempos e formatos; é necessário que a escola ofereça sentido pedagógico, acompanhamento e condições de continuidade, sobretudo para estudantes que chegam à EJA após múltiplos episódios de fracasso ou exclusão escolar. Em tal cenário, tecnologias digitais podem colaborar, mas apenas quando inseridas em um projeto que reconheça a modalidade como direito educacional pleno, e não como via residual de certificação rápida (Brasil, 2021).

Do ponto de vista da gestão pública, isso exige uma escola capaz de acompanhar trajetórias irregulares sem transformar ausência eventual em exclusão definitiva. Em redes municipais, a permanência depende de decisões administrativas aparentemente simples, como horário de funcionamento, recomposição de conteúdo, registro de frequência com sensibilidade e comunicação ativa com estudantes em risco de afastamento. Quando esses mecanismos falham, o direito à EJA torna-se formalmente assegurado, mas pedagogicamente rarefeito (Silva; Soares, 2021).

2.1.1 Permanência escolar como responsabilidade institucional

A literatura analisada converge no entendimento de que a permanência escolar na EJA não pode ser atribuída exclusivamente ao esforço individual do estudante. Os estudos enfatizam que redes públicas municipais precisam construir mecanismos institucionais capazes de acompanhar trajetórias escolares descontínuas e responder às especificidades do público jovem e do adulto.

Nesse sentido, a permanência passa a ser compreendida como responsabilidade compartilhada entre gestão, coordenação pedagógica, políticas públicas e práticas docentes. Embora haja consenso sobre a centralidade institucional da permanência, os autores divergem quanto ao alcance das estratégias necessárias.

Parte da literatura enfatiza reorganizações pedagógicas internas, como flexibilização curricular e acompanhamento individualizado, enquanto outros estudos defendem que a permanência depende principalmente do fortalecimento estrutural das políticas públicas para a modalidade. Essa diferença revela que o debate oscila entre soluções micropolíticas, centradas na escola, e abordagens macropolíticas, vinculadas ao financiamento, à gestão e à valorização da EJA no sistema educacional brasileiro.

A permanência, portanto, deve ser pensada como resultado de uma ecologia institucional mais ampla, na qual currículo, gestão, comunicação, acompanhamento pedagógico e políticas de proteção social se articulam. Quando a EJA é tratada apenas como mecanismo de certificação tardia, perde-se justamente aquilo que poderia torná-la mais potente: sua capacidade de acolher

trajetórias interrompidas e reconstruir vínculos educativos em bases mais flexíveis e significativas (Ridolfi *et al.*, 2025).

A crise recente da modalidade mostrou que o enfraquecimento das políticas públicas atinge não apenas a oferta, mas o próprio horizonte de continuidade para milhões de jovens e adultos que dependem da escola pública para reconfigurar suas possibilidades de vida (Carreira; Di Pierro, 2025).

2.2 Mulheres na EJA: abandono, retorno e permanência

Há uma historicidade específica na presença feminina na EJA que a análise não pode ignorar. Chegar tarde à escola, ou não ter chegado antes, raramente foi resultado de uma decisão livre. Pesquisas sobre a educação de mulheres nessa modalidade apontam que o acesso tardio à escolarização se explica por um conjunto de restrições sobrepostas: trabalho precoce, desigualdade de gênero, responsabilidades familiares e a normalização social de papéis femininos atrelados ao cuidado e ao espaço doméstico. Quando esses fatores se acumulam ao longo de anos, eles não apenas atrasam a escolarização: moldam a relação que essas mulheres estabelecem com a escola quando finalmente retornam a ela (Vieira; Cruz, 2017).

Quando se acrescenta a essa discussão uma perspectiva interseccional, torna-se evidente que a experiência escolar de mulheres na EJA não pode ser reduzida a um marcador isolado. Gênero, raça, idade, classe e inserção ocupacional produzem formas específicas de vulnerabilidade, sobretudo entre mulheres negras, trabalhadoras e idosas, cujo retorno à escola ocorre em contextos de intensa assimetria social. Essa leitura amplia o entendimento da permanência como processo complexo, dependente de condições materiais e simbólicas de sustentação da vida escolar (Bastos; Eiterer, 2021).

A análise de gênero torna-se ainda mais consistente quando se observa a relação entre escolarização feminina e trabalho doméstico remunerado ou não remunerado. Parte expressiva das mulheres que ingressam ou retornam à EJA construiu sua trajetória laboral em ocupações pouco valorizadas socialmente, o que afeta tempo, energia e possibilidades de estudo. A escola, nesse caso, pode representar tanto um espaço de reposicionamento subjetivo quanto um campo de tensão permanente entre necessidade de sobrevivência e desejo de formação (Bastos; Eiterer, 2021).

O trabalho ocupa posição ambígua na trajetória das mulheres da EJA. Em muitos casos, ele foi justamente o fator que contribuiu para o afastamento da escola na infância ou na juventude; em outros, a exigência do trabalho letrado e da inserção social posterior transforma-se em motivação para o retorno aos estudos. Essa dupla condição revela que permanência escolar e

mundo do trabalho não são esferas separadas, mas dimensões que se atravessam continuamente na vida das estudantes, produzindo tanto barreiras quanto expectativas de ascensão e autonomia (Barretto; Musial, 2021; Vieira; Cruz, 2017).

Além do acesso, a permanência costuma ser tensionada pela necessidade permanente de conciliar estudo e trabalho. Pesquisas com mulheres da classe trabalhadora matriculadas na EJA mostram que o retorno à escola frequentemente surge como tentativa de reorganizar projetos de vida e ampliar possibilidades de inserção social, mas esbarra em jornadas extensas, desgaste físico, dupla ou tripla jornada e limitações de tempo para acompanhar demandas escolares. Assim, a vontade de permanecer nem sempre encontra condições objetivas para se realizar (Barretto; Musial, 2021).

Também por isso, a permanência feminina não pode ser pensada apenas em termos de disciplina individual ou esforço pessoal. Para muitas alunas, continuar estudando depende de arranjos familiares, apoio de outras mulheres, compreensão da escola diante de faltas justificadas e existência de práticas pedagógicas que não convertam vulnerabilidade em punição. Quanto mais a instituição reconhece o caráter social dessas interrupções, maior a possibilidade de construir estratégias de continuidade menos excludentes e mais aderentes à realidade do público atendido (Barretto; Musial, 2021).

A literatura sobre abandono escolar reforça esse diagnóstico ao mostrar que, na educação noturna, mulheres jovens da EJA vivenciam processos recorrentes de afastamento associados a gravidez, trabalho, vulnerabilidade socioeconômica e fragilidade das redes de apoio. O abandono, nesse sentido, não pode ser lido como desistência individual simples. Trata-se de um fenômeno socialmente produzido, que se intensifica quando a instituição escolar não consegue construir mecanismos de acolhimento, acompanhamento e continuidade para o público feminino (Gomes *et al.*, 2021).

Também é necessário distinguir abandono escolar de uma simples decisão individual de sair da escola. No caso de mulheres jovens e adultas, o afastamento costuma ser resultado de acúmulo de fatores que produzem interrupções sucessivas, muitas vezes interpretadas socialmente como falha pessoal. A literatura da área permite ler essas rupturas como processos, e não como eventos isolados, o que desloca a análise do plano moral para o plano das condições concretas de permanência e retorno (Gomes *et al.*, 2021).

Os estudos analisados apresentam forte convergência ao identificar que maternidade, dupla jornada, trabalho precarizado e responsabilidades domésticas figuram entre os principais fatores associados à interrupção escolar feminina na EJA. A literatura demonstra que essas

condições não operam isoladamente, mas produzem sobreposições de vulnerabilidade que afetam diretamente as possibilidades de continuidade dos estudos.

Apesar desse consenso, existem diferenças interpretativas relevantes. Enquanto algumas pesquisas enfatizam predominantemente fatores econômicos e laborais, outras destacam dimensões simbólicas, subjetivas e identitárias associadas ao retorno escolar feminino. Há estudos que compreendem a permanência sobretudo como questão de suporte material, ao passo que outros atribuem centralidade ao acolhimento pedagógico, ao reconhecimento institucional e à reconstrução da autoestima escolar das estudantes.

Essa diversidade interpretativa amplia a compreensão do fenômeno e demonstra que a permanência feminina na EJA deve ser analisada de maneira multidimensional, considerando simultaneamente condições materiais, relações de gênero, experiências biográficas e formas institucionais de acolhimento escolar.

Há, ainda, um aspecto simbólico importante. Para muitas mulheres, a escola não é apenas espaço de certificação, mas lugar de reconstrução de autoestima, reordenação biográfica e reabertura de possibilidades interrompidas. A permanência, por isso, não se define exclusivamente pela presença física em sala, mas pelo reconhecimento de que a experiência escolar faz sentido e dialoga com a própria vida. Quando esse sentido se rompe, o risco de novo afastamento se intensifica, mesmo em situações, nas quais o desejo de concluir os estudos permanece vivo (Lima, 2025).

No contexto amazônico, essas questões ganham contornos ainda mais expressivos. A pesquisa desenvolvida com mulheres estudantes da EJA em Manaus evidencia que maternidade, sobrecarga doméstica, precarização do trabalho e instabilidade familiar figuram entre os principais obstáculos à permanência, ao passo que redes de solidariedade, desejo de transformação e reconhecimento da educação como possibilidade de futuro aparecem como elementos que impulsionam o retorno e a continuidade dos estudos. Esse quadro ajuda a pensar, por aproximação analítica, as exigências de permanência em outros municípios amazônicos submetidos a desigualdades territoriais e educacionais persistentes (Lima, 2025).

2.3 Tecnologias digitais e o WhatsApp como mediação pedagógica

O debate sobre tecnologias digitais na Educação não deve ser conduzido em chave determinista. Na EJA, o valor pedagógico de um recurso depende menos de sua novidade técnica do que de sua capacidade de responder a necessidades concretas dos estudantes e de ser incorporado a uma proposta didática coerente. Por isso, o *WhatsApp* interessa não apenas por sua popularização, mas por permitir comunicação rápida, compartilhamento de materiais,

continuidade do contato pedagógico e interação fora do espaço-tempo estrito da aula presencial (Lima, 2020; Ridolfi *et al.*, 2026).

Há também um aspecto relacional que torna o *WhatsApp* particularmente relevante. Em vez de concentrar a comunicação escolar em bilhetes físicos ou recados que se perdem com facilidade, o aplicativo permite estabelecer uma rotina de contato imediata, com possibilidade de retorno rápido e registro das orientações compartilhadas. Em modalidades, nas quais a ausência reiterada pode converter-se em desligamento silencioso, essa agilidade comunicacional pode funcionar como mecanismo de aproximação e prevenção de rupturas mais longas no vínculo escolar (Lima, 2020).

O papel do professor é central nesse processo. Pesquisas sobre o uso do *WhatsApp* na EJA destacam que o aplicativo alcança maior eficácia quando empregado por docentes que o compreendem como extensão da mediação pedagógica, e não como simples canal administrativo. A troca de mensagens, o esclarecimento de dúvidas, a circulação de materiais curtos e o incentivo à colaboração entre os estudantes podem tornar o acompanhamento mais responsivo, especialmente para quem vive sob rotinas instáveis e precisa de comunicação ágil com a escola (Lima, 2020; Ridolfi *et al.*, 2026).

Outro potencial do *WhatsApp* reside em sua dimensão colaborativa. Grupos organizados com intencionalidade pedagógica podem favorecer circulação de avisos, troca de informações entre colegas, socialização de dúvidas recorrentes e manutenção do sentimento de pertencimento à turma. Para estudantes da EJA, especialmente aqueles que alternam presença e ausência em função do trabalho, essa rede de interação pode reduzir a sensação de desligamento progressivo que antecede muitos processos de abandono (Lima, 2020).

A literatura especializada apresenta convergência significativa ao reconhecer que o *WhatsApp* pode favorecer comunicação pedagógica mais ágil, acompanhamento contínuo e fortalecimento do vínculo entre escola e estudantes da EJA. Os estudos analisados indicam que o aplicativo tende a produzir resultados mais consistentes quando utilizado como extensão planejada da mediação docente e integrado às práticas pedagógicas presenciais.

Entretanto, também foram identificadas divergências importantes. Parte dos autores enfatiza o potencial democratizador das tecnologias móveis em contextos de vulnerabilidade educacional, sobretudo devido à ampla difusão do telefone celular entre estudantes da modalidade. Em contrapartida, outros estudos alertam que o uso acrítico das tecnologias digitais pode aprofundar desigualdades já existentes, especialmente em situações de conectividade precária, baixa alfabetização digital e ausência de formação docente adequada.

As divergências encontradas não invalidam o potencial pedagógico do aplicativo, mas demonstram que sua eficácia depende das condições concretas de implementação, da intencionalidade pedagógica e da articulação entre tecnologia, acompanhamento institucional e realidade social dos estudantes.

No campo do PROEJA, pesquisas mostram que o *WhatsApp* pode funcionar como espaço de mediação de aprendizagem, especialmente quando articulado a práticas de multiletramentos, produção textual e orientação contínua por parte dos docentes. Nessa perspectiva, o aplicativo deixa de ser apenas ferramenta de aviso e passa a compor um ambiente complementar de aprendizagem, com potencial para apoiar a participação, o engajamento e o acompanhamento de estudantes em trajetórias escolares descontínuas (Lisboa, 2022; Ridolfi *et al.*, 2025).

Do ponto de vista pedagógico, o aplicativo mostra potencial para combinar diferentes linguagens de maneira acessível. Mensagens escritas, áudios, imagens, pequenos vídeos e arquivos em PDF podem ser organizados em sequências curtas, mais compatíveis com a rotina de estudantes trabalhadores e com o tempo reduzido de estudo extraclasse. Essa variedade de linguagens favorece processos de mediação menos rígidos e aproxima a prática docente da cultura comunicacional já incorporada ao cotidiano de muitos sujeitos da EJA (Lisboa, 2022).

A apropriação pedagógica do aplicativo também se revelou relevante em estudos desenvolvidos durante a pandemia de Covid-19. Em investigações voltadas à EJA, o *WhatsApp* apareceu como meio de circulação de textos, atividades e explicações, preservando algum nível de vínculo pedagógico em situações de afastamento físico. Ainda que esse uso tenha sido condicionado por limites de conectividade e acesso, os dados indicam que a ferramenta pode favorecer a manutenção do contato educativo em cenários de maior vulnerabilidade comunicacional (Araújo, 2021).

Para mulheres que vivenciam rotinas intensas de cuidado, a comunicação assíncrona oferecida pelo aplicativo possui relevância particular. A possibilidade de acessar um áudio explicativo, ler uma orientação em horário posterior ou responder a uma mensagem quando houver disponibilidade real de tempo favorece maior maleabilidade pedagógica. Isso não elimina desigualdades de acesso, mas pode tornar a relação com a escola menos dependente de presença simultânea e imediata, o que é especialmente importante em contextos de sobrecarga doméstica e conciliação entre estudo, trabalho e cuidado (Araújo, 2021; Barretto; Musial, 2021).

Também convém destacar que o aproveitamento pedagógico do *WhatsApp* não exige, necessariamente, atividades complexas ou tecnicamente sofisticadas. Em muitos casos, o valor do recurso está justamente em sua simplicidade operacional e em sua presença consolidada no cotidiano dos estudantes. A possibilidade de receber uma orientação, confirmar uma tarefa,

ter acesso a um áudio explicativo ou retomar uma informação sem deslocamento imediato já representa, para parte do público da EJA, uma mediação importante entre ausência pontual e desligamento progressivo da vida escolar (Araújo, 2021).

Outras pesquisas, voltadas a componentes curriculares específicos, ajudam a demonstrar a plasticidade pedagógica do recurso. O uso do *WhatsApp* em atividades de matemática na EJA mostrou potencial para promover diálogo, interação e aprendizagem significativa em ambientes alternados entre sala de aula e espaço virtual. O dado mais relevante, nesse caso, não é o conteúdo disciplinar em si, mas a constatação de que a mediação digital pode ampliar a participação dos estudantes quando há intencionalidade pedagógica e acompanhamento docente (Silva, 2021; Ridolfi *et al.*, 2026).

Mesmo quando o aplicativo é utilizado em componentes curriculares específicos, como matemática e língua portuguesa, o que se destaca não é apenas o reforço de conteúdo. Os estudos mostram que o *WhatsApp* pode ampliar a sensação de acompanhamento, estimular participação de estudantes mais silenciosos em sala e criar oportunidades de retomada de aprendizagem em momentos de ausência. Em outras palavras, a ferramenta tende a ganhar relevância quando se vincula ao processo de permanência tanto quanto ao processo de ensino (Silva, 2021).

Em investigação sobre o ensino de língua portuguesa na EJA, o aplicativo também foi mobilizado como estratégia pedagógica para produção textual, circulação de vozes e fortalecimento de interações entre estudantes. O uso do celular e de recursos de voz, edição e troca de mensagens revelou que tecnologias móveis podem contribuir para a construção de práticas mais flexíveis e próximas do cotidiano dos sujeitos da modalidade, desde que o trabalho docente não se limite ao uso instrumental da ferramenta (Linhares, 2019).

Ao lado dessas potencialidades, a literatura também chama atenção para limites concretos. Estudos sobre tecnologias digitais no PROEJA e na EJA durante o ensino remoto registram que conectividade precária, desigualdade de acesso, baixa disponibilidade de equipamentos e ausência de formação adequada restringem o aproveitamento pedagógico dos recursos digitais. Isso significa que o *WhatsApp* pode ser útil, mas seu uso precisa ser pensado em articulação com as condições reais de infraestrutura e com o perfil sociotécnico do público atendido (Melo; Silva; Gaia, 2022).

Ainda assim, o uso do aplicativo precisa evitar simplificações pedagógicas. Quando toda a proposta escolar se reduz a encaminhamento de tarefas sem mediação, devolutiva ou contextualização, a ferramenta perde potência formativa e pode, inclusive, reforçar afastamentos. O ganho do *WhatsApp* está na capacidade de aproximar e acompanhar, não em substituir processos didáticos mais amplos. Por isso, a literatura especializada insiste em que o debate sobre

tecnologia na EJA deve manter-se vinculado à formação docente, à intencionalidade pedagógica e à leitura crítica do contexto de uso (Trindade; Barin, 2024; Melo; Silva; Gaia, 2022).

Essa cautela é reforçada por estudos de mapeamento do campo, que apontam a existência de lacunas importantes na produção acadêmica sobre tecnologias digitais na Educação de Jovens e Adultos, especialmente quando se busca articular tecnologia, formação profissional e especificidades do público da EJA. Assim, trabalhos produzidos fora da modalidade, como pesquisas sobre o uso do *WhatsApp* no Ensino Médio, podem servir como apoio comparativo, mas não substituem evidências construídas no interior da própria EJA e do PROEJA (Trindade; Barin, 2024; Martins; Gouveia, 2018).

Além disso, a adoção do aplicativo precisa considerar que estudantes da EJA não formam um grupo homogêneo. Há diferenças geracionais, experiências distintas com leitura e escrita, variados níveis de familiaridade digital e usos desiguais do aparelho celular. Em razão disso, o *WhatsApp* deve ser pensado menos como solução padronizada e mais como recurso adaptável, capaz de assumir funções diferentes conforme a turma, a etapa de ensino e o perfil das estudantes. A mediação pedagógica só se fortalece quando reconhece essa heterogeneidade como ponto de partida do trabalho escolar (Trindade; Barin, 2024).

3 Metodologia

Metodologicamente, este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica narrativa crítica, de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da análise de produções acadêmicas e documentos normativos relacionados à Educação de Jovens e Adultos (EJA), permanência escolar feminina e mediação pedagógica por tecnologias digitais, com ênfase no uso do *WhatsApp* em contextos educacionais socialmente vulneráveis.

A pesquisa foi conduzida entre janeiro e março de 2026, mediante levantamento bibliográfico realizado nas bases *Google Scholar*, *SciELO*, Periódicos CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Complementarmente, foram consultados documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC), Conselho Nacional de Educação (CNE) e demais normativas relacionadas à EJA.

Para o rastreamento das produções acadêmicas, utilizaram-se os seguintes descritores em língua portuguesa: “Educação de Jovens e Adultos”, “EJA”, “permanência escolar”, “mulheres na EJA”, “tecnologias digitais”, “*WhatsApp*”, “mediação pedagógica”, “ensino remoto”, “PROEJA” e “educação amazônica”. Também foram empregados operadores booleanos para refinamento das buscas, especialmente: AND, OR e NOT. Entre as estratégias utilizadas destacam-se: “EJA

AND *WhatsApp*”, “permanência escolar AND mulheres”, “tecnologias digitais AND EJA” e “*WhatsApp* AND mediação pedagógica”.

Como critérios de inclusão, adotaram-se: a) trabalhos publicados entre 2017 e 2026; b) estudos com aderência temática à permanência escolar na EJA; c) pesquisas que abordassem tecnologias digitais em contextos educativos; d) produções acadêmicas disponíveis integralmente em meio digital; e) documentos normativos oficiais relacionados à modalidade.

Como critérios de exclusão, foram desconsiderados trabalhos duplicados, estudos sem relação direta com o objeto investigado, publicações sem acesso ao texto completo e materiais cuja abordagem não apresentasse contribuição analítica para os objetivos do artigo.

Após a etapa de rastreamento, leitura exploratória e aplicação dos critérios de seleção, constituiu-se um corpus analítico composto por dezoito referências, entre artigos científicos, dissertações, trabalhos acadêmicos e normativas oficiais. O material selecionado foi organizado em quatro eixos analíticos: a) direito à EJA e políticas de permanência; b) trajetórias femininas, abandono e retorno escolar; c) tecnologias digitais e mediação pedagógica; d) uso do *WhatsApp* na EJA e no PROEJA.

O procedimento analítico consistiu em leitura integral das obras centrais, leitura seletiva das referências complementares, elaboração de fichamentos temáticos e análise interpretativa das convergências teóricas identificadas no corpus. Não foram realizadas entrevistas, observações de campo ou aplicação de questionários, razão pela qual as interpretações apresentadas se limitam ao que a literatura acadêmica e documental permite sustentar acerca da problemática investigada.

Tabela 1 – Caracterização das referências utilizadas na pesquisa

Autor(es)	Ano	Tipo de estudo/ documento	Tema central	Contribuição para o artigo
Brasil	2021	Documento normativo	Diretrizes operacionais da EJA	Fundamentação legal sobre permanência, flexibilidade pedagógica e educação ao longo da vida
Brasil	2025	Documento normativo	Política nacional para EJA	Sustentação normativa da oferta educacional em contextos territoriais diversos
Silva; Soares	2021	Artigo científico	Gestão municipal da EJA	Discussão sobre permanência escolar e fragilidade institucional da modalidade
Carreira; Di Pierro	2025	Estudo analítico	EJA no pós-pandemia	Debate sobre invisibilização da modalidade e impactos das desigualdades educacionais
Ribeiro	2022	Artigo científico	Trabalho e tecnologias na EJA	Relação entre escolarização, trabalho precário e mediações digitais
Ridolfi <i>et al.</i>	2025	Artigo científico	Permanência escolar	Discussão sobre acolhimento institucional e reconstrução de vínculos educativos

Autor(es)	Ano	Tipo de estudo/ documento	Tema central	Contribuição para o artigo
Vieira; Cruz	2017	Estudo de gênero	Mulheres na EJA	Relação entre gênero, interrupção escolar e retorno aos estudos
Bastos; Eiterer	2021	Artigo científico	Mulheres trabalhadoras na EJA	Análise interseccional entre gênero, trabalho e permanência escolar
Barretto; Musial	2021	Pesquisa educacional	Mulheres da classe trabalhadora	Discussão sobre dupla jornada, maternidade e permanência
Gomes <i>et al.</i>	2021	Estudo empírico	Abandono escolar feminino	Identificação de fatores sociais relacionados à evasão na EJA
Lima	2025	Pesquisa sobre EJA amazônica	Mulheres na EJA em Manaus	Fundamentação do recorte amazônico e das vulnerabilidades territoriais
Lima	2020	Estudo sobre tecnologias educacionais	Uso pedagógico do <i>WhatsApp</i>	Base teórica principal sobre mediação pedagógica digital na EJA
Lisboa	2022	Pesquisa em PROEJA	<i>WhatsApp</i> e aprendizagem	Discussão sobre multiletramentos e acompanhamento pedagógico
Araújo	2021	Estudo sobre ensino remoto	<i>WhatsApp</i> durante a pandemia	Uso do aplicativo para manutenção do vínculo pedagógico
Silva	2021	Pesquisa aplicada	<i>WhatsApp</i> no ensino de matemática	Potencial interativo da mediação digital
Linhares	2019	Pesquisa em linguagem	<i>WhatsApp</i> e produção textual	Flexibilização pedagógica e interação na EJA
Melo; Silva; Gaia	2022	Revisão crítica	Limites das tecnologias digitais	Problemas de conectividade e desigualdade digital
Trindade; Barin	2024	Mapeamento bibliográfico	Tecnologias digitais na EJA	Lacunas de pesquisa e necessidade de formação docente
Martins; Gouveia	2018	Estudo comparativo	Tecnologias educacionais	Apoio teórico complementar sobre mediação digital

Fonte: Elaborado pelos autores com base na literatura consultada.

Quadro 2 – Convergências e divergências identificadas na literatura analisada

Eixo analítico	Convergências identificadas	Divergências identificadas
Permanência escolar na EJA	A permanência depende de apoio institucional e reconhecimento das especificidades do público jovem e adulto	Divergência entre abordagens centradas na escola e abordagens centradas em políticas públicas estruturais
Mulheres na EJA	Maternidade, dupla jornada e desigualdade de gênero impactam diretamente a continuidade escolar	Diferenças quanto ao peso atribuído aos fatores econômicos, subjetivos e simbólicos
Tecnologias digitais	Ferramentas digitais podem ampliar comunicação e acompanhamento pedagógico	Divergências sobre o alcance democratizador das tecnologias em contextos de desigualdade digital
Uso pedagógico do <i>WhatsApp</i>	O aplicativo favorece mediação pedagógica e manutenção do vínculo escolar	Diferenças quanto à eficácia do recurso sem formação docente e infraestrutura adequada

Eixo analítico	Convergências identificadas	Divergências identificadas
Contexto amazônico	Vulnerabilidades territoriais influenciam acesso e permanência escolar	Divergências quanto à capacidade das tecnologias mitigarem desigualdades estruturais
Ensino remoto e EJA	A pandemia ampliou o uso de mediações digitais	Divergências sobre permanência dos efeitos positivos das tecnologias no pós-pandemia

Fonte: Elaborado pelos autores com base no corpus analítico da pesquisa.

A sistematização do corpus analítico permitiu identificar convergências teóricas relevantes acerca da relação entre permanência escolar, trajetórias femininas e mediações pedagógicas digitais na Educação de Jovens e Adultos, conforme discutido na seção seguinte.

4 Resultados e discussão

4.1 As contribuições do WhatsApp para a permanência de mulheres na EJA em contextos amazônicos

A partir do corpus analisado, é possível sustentar que a permanência de mulheres na EJA depende, em grande medida, da capacidade institucional de reduzir distâncias entre escola e vida cotidiana. Em territórios amazônicos, essa exigência torna-se ainda mais sensível, pois as diretrizes atuais da modalidade determinam que a oferta considere realidades territoriais, econômicas, culturais e sociais específicas, incluindo contextos vinculados a populações dos campos, das águas e das florestas. Essa orientação normativa legitima a necessidade de estratégias pedagógicas situadas para municípios amazônicos marcados por dispersão territorial, vulnerabilidade social e fragilidade histórica da oferta educacional (Brasil, 2025).

Para municípios amazônicos, essa discussão sugere que o uso pedagógico do *WhatsApp* deve estar articulado a práticas institucionais estáveis, e não depender apenas da iniciativa isolada de um professor. A própria normativa da EJA permite arranjos pedagógicos flexíveis e momentos não presenciais complementares, enquanto estudos sobre o aplicativo na modalidade indicam que sua eficácia aumenta quando ele integra rotinas organizadas de mediação, acompanhamento e circulação de orientações. Assim, o recurso pode compor políticas escolares de acompanhamento sem descaracterizar a natureza presencial da EJA, desde que permaneça vinculado ao trabalho pedagógico da escola (Brasil, 2021; Lima, 2020).

Em redes municipais amazônicas, o uso pedagógico do *WhatsApp* pode assumir funções concretas sem exigir ruptura com a estrutura presencial da modalidade. O aplicativo pode ser empregado para avisos sobre calendário, reforço de orientações dadas em aula, envio de materiais breves de retomada, comunicação em casos de ausência e acolhimento de estudantes

que estejam temporariamente afastadas por motivos de trabalho, cuidado ou saúde. Em todos esses casos, a finalidade principal não é substituir a aula, mas reduzir a distância entre a estudante e a instituição escolar por meio de práticas de mediação já reconhecidas na literatura da EJA e do PROEJA (Brasil, 2021; Lisboa, 2022).

Nesse quadro, o *WhatsApp* pode ser compreendido como ferramenta de mediação de baixa complexidade técnica e alta capilaridade social. Seu valor não reside em uma suposta inovação por si mesma, mas na possibilidade de sustentar comunicação regular, lembretes, orientações de estudo, envio de materiais sintéticos e acolhimento pedagógico entre os encontros presenciais. Em modalidades marcadas por infrequência, trabalho noturno, maternidade e interrupções recorrentes, essa continuidade comunicacional pode fortalecer o sentimento de pertencimento e reduzir rupturas silenciosas no percurso escolar (Lima, 2020; Ridolfi *et al.*, 2025).

Entretanto, o uso do aplicativo só se mostra pedagogicamente promissor quando articulado a finalidades claras e a práticas docentes coerentes. Os estudos sobre PROEJA e EJA indicam que o *WhatsApp* produz melhores efeitos quando integra uma proposta de acompanhamento, mediação de linguagem, circulação de atividades e abertura de canais responsivos entre professor e estudante. Não se trata, portanto, de digitalizar uma rotina escolar excludente, mas de criar mediações compatíveis com o tempo social e laboral do público atendido (Lisboa, 2022).

No plano prático, escolas que desejem incorporar o *WhatsApp* à sua estratégia de permanência podem organizar usos distintos para a ferramenta. Entre eles, destacam-se a criação de grupos por turma com regras claras, o envio de lembretes acadêmicos, a socialização de sínteses de aula, a disponibilização de áudios curtos para retomada de conteúdo e a abertura de janelas de escuta para estudantes que estejam com frequência comprometida. O êxito dessas ações, contudo, depende de que o recurso seja tratado como mediação pedagógica planejada, e não como solução improvisada de última hora (Lisboa, 2022; Lima, 2020).

Quando o foco incide sobre mulheres, essa estratégia precisa ser atravessada por sensibilidade pedagógica. O acompanhamento por meio do aplicativo não pode resultar em controle excessivo nem em cobrança descontextualizada, sob pena de ampliar pressões já vividas por estudantes que conciliam trabalho, cuidado e escolarização. Nesse sentido, a literatura sobre abandono e permanência feminina autoriza compreender que a comunicação pedagógica precisa operar como gesto de continuidade, reconhecimento e apoio, e não como extensão de mecanismos de culpabilização (Lima, 2025; Barretto; Musial, 2021).

Essa observação é particularmente relevante quando o foco recai sobre mulheres estudantes. A literatura mostra que muitas trajetórias femininas na EJA são interrompidas por responsabilidades de cuidado, trabalho doméstico, maternidade e exigências laborais

instáveis. Nesses casos, ferramentas de comunicação pedagógica podem funcionar como apoio complementar à permanência, porque ajudam a manter o vínculo com a escola mesmo quando a presença física sofre abalos temporários. O recurso, contudo, precisa ser pensado em diálogo com políticas de acolhimento e com uma leitura concreta das barreiras enfrentadas por essas estudantes (Lima, 2025; Ridolfi *et al.*, 2025).

Outra contribuição possível está no monitoramento sensível da infrequência. Em vez de esperar que o afastamento se converta em abandono consolidado, a escola pode utilizar a comunicação digital para identificar dificuldades, reabrir canais de diálogo e construir estratégias de retorno antes da ruptura definitiva do vínculo. Essa lógica é coerente com a compreensão de que a permanência, na EJA, precisa ser ativamente sustentada por práticas institucionais de acompanhamento, sobretudo quando se trata de estudantes em condições de maior vulnerabilidade social (Lima, 2025).

Também é preciso reconhecer que o *WhatsApp* não substitui políticas públicas nem corrige, de forma automática, a precarização da modalidade. Estudos sobre trabalho e tecnologias digitais na EJA mostram que os sujeitos dessa modalidade vivem sob tensões permanentes entre escolarização, sobrevivência econômica e tempo disponível para aprender. Em razão disso, o uso do aplicativo deve ser entendido como parte de uma estratégia mais ampla de permanência, vinculada à flexibilidade institucional, à sensibilidade pedagógica e ao reconhecimento da experiência social dos estudantes trabalhadores (Ribeiro, 2022).

Por fim, o aproveitamento pedagógico do aplicativo requer pactos institucionais e formação docente mínima. Sem critérios de uso, definição de horários, clareza sobre finalidades e reflexão sobre linguagem, o recurso corre o risco de sobrecarregar professores e produzir ruído comunicacional. Em contrapartida, quando integrado a um planejamento escolar consistente, o *WhatsApp* pode funcionar como extensão organizada da mediação docente, articulando flexibilidade, comunicação e apoio ao percurso de estudantes que historicamente permanecem às margens das prioridades educacionais (Lisboa, 2022; Melo; Silva; Gaia, 2022).

Há, por fim, uma dimensão formativa associada à própria presença das tecnologias digitais no cotidiano da EJA. Em vez de conceber o celular apenas como distração ou problema disciplinar, a escola pode integrá-lo criticamente ao processo pedagógico, convertendo uma prática social disseminada em recurso de estudo, comunicação e fortalecimento de autonomia. Essa escolha exige planejamento, mediação e critérios de uso, mas se mostra coerente com a necessidade de aproximar o trabalho escolar das condições reais de vida dos estudantes jovens e adultos (Melo; Silva; Gaia, 2022).

Em termos institucionais, isso significa que o *WhatsApp* alcança maior eficácia quando compõe uma estratégia articulada entre gestão, coordenação pedagógica e docentes. A ferramenta pode dialogar com ações de busca ativa, com acompanhamento de frequência e com retomadas pedagógicas planejadas para estudantes em situação de risco, sem substituir procedimentos presenciais nem reduzir a complexidade do trabalho educativo (Ridolfi *et al.*, 2026).

Em uma modalidade voltada justamente a pessoas que interromperam seus estudos, qualquer recurso que contribua para detectar sinais de afastamento, reativar o diálogo e facilitar o retorno merece ser pensado como parte da política de permanência, e não como iniciativa periférica ou improvisada (Brasil, 2025).

A análise comparativa do corpus permitiu identificar que a literatura especializada apresenta elevado grau de convergência quanto à necessidade de estratégias institucionais de permanência na EJA, especialmente quando o foco recai sobre mulheres em condições de vulnerabilidade social. Também houve consenso acerca do potencial pedagógico do *WhatsApp* como ferramenta complementar de mediação e acompanhamento escolar.

Entretanto, as divergências identificadas revelam que o debate permanece aberto em relação aos limites concretos das tecnologias digitais diante das desigualdades estruturais que atravessam a modalidade. Parte significativa dos estudos reconhece o potencial das mediações digitais para fortalecimento do vínculo escolar, enquanto outros autores alertam para o risco de superdimensionamento tecnológico em contextos marcados por precarização da oferta educacional, conectividade desigual e fragilidade das políticas públicas para a EJA.

Essas convergências e divergências demonstram que o uso pedagógico do *WhatsApp* deve ser compreendido menos como solução autônoma e mais como componente articulado a práticas institucionais de acolhimento, acompanhamento e flexibilização pedagógica voltadas à permanência escolar feminina na Educação de Jovens e Adultos.

5 Considerações finais

A análise realizada permite concluir que o debate sobre permanência de mulheres na EJA exige uma abordagem que combine direito à Educação, desigualdades de gênero e mediações pedagógicas compatíveis com a vida concreta das estudantes. O problema não se resume à matrícula, porque a continuidade dos estudos depende de condições objetivas de permanência e de estratégias institucionais que consigam enfrentar, ainda que parcialmente, os efeitos do trabalho precarizado, da maternidade, da sobrecarga doméstica e da vulnerabilidade social.

Nesse cenário, o *WhatsApp* apresenta-se como recurso pedagogicamente relevante, desde que utilizado com intencionalidade, mediação docente e aderência às especificidades da

modalidade. Sua principal contribuição não está em substituir práticas escolares consolidadas, mas em *ampliar a comunicação*, sustentar o acompanhamento e favorecer o vínculo entre escola e estudante em momentos nos quais a permanência se encontra sob risco. Em contextos amazônicos, nos quais a organização da oferta educacional precisa considerar territorialidade e condições de vida diferenciadas, essa mediação pode ganhar importância ainda maior.

Por fim, o recorte amazônico deve ser compreendido como horizonte de aplicação analítica, e não como campo empírico comprovado por esta pesquisa. Ainda assim, a bibliografia selecionada oferece base consistente para sustentar que o WhatsApp pode integrar estratégias pedagógicas de apoio à permanência de mulheres na EJA, especialmente quando associado a uma concepção de educação mais próxima da realidade social das estudantes. Desse modo, a ferramenta não aparece como solução isolada, mas como possibilidade concreta de fortalecimento do processo formativo em uma modalidade que historicamente tem exigido respostas mais flexíveis, acolhedoras e socialmente situadas.

Referências

BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; MUSIAL, Maria das Graças. Mulheres da classe trabalhadora e permanência na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 59, n. 61, p. 1-22, 2021.

BASTOS, Lilian Carla Moreira; EITERER, Carmem Lúcia. Mulheres, trabalho e escolarização tardia: permanência e desigualdades na EJA. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 9, n. 18, p. 45-63, 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 28 de maio de 2021**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância. Brasília, DF: MEC/CNE, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, DF: MEC, 2025.

CARREIRA, Denise; DI PIERRO, Maria Clara. Educação de Jovens e Adultos no Brasil contemporâneo: retração, desigualdades e desafios pós-pandemia. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 46, e258741, 2025.

CARREIRA, Denise; DI PIERRO, Maria Clara. Impactos da Covid-19 na Educação de Jovens

e Adultos: uma revisão de literatura. **Cad. Pesqui. (Fund. Carlos Chagas)**, São Paulo, v. 55, e11093, 2025.

GOMES, Monique Ribeiro de Carvalho et al. Abandono escolar na Educação de Jovens e Adultos: vulnerabilidades **sociais e trajetórias** interrompidas. *Revista EJA em Debate*, Florianópolis, v. 10, n. 17, p. 77-96, 2021.

LIMA, Adriana Pereira. Mulheres na EJA em contextos amazônicos: permanência, maternidade e desigualdades sociais. 2025. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025.

LIMA, José Ribamar da Silva. O uso pedagógico do WhatsApp **na Educação de Jovens e Adultos.** *Revista Tecnologias na Educação*, Belo Horizonte, ano 12, n. 34, p. 1-15, 2020.

LINHARES, Maria de Fátima. **Produção textual e mediação digital na EJA: experiências com WhatsApp no ensino de Língua Portuguesa.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

LISBOA, Patrícia Helena Souza. Multiletramentos e WhatsApp no PROEJA: possibilidades de mediação pedagógica. **Revista Educação e Linguagens**, Curitiba, v. 11, n. 20, p. 88-107, 2022.

MARTINS, Rodrigo Silva; GOUVEIA, Ana Paula. Tecnologias digitais e práticas pedagógicas no ensino médio: aproximações possíveis com a EJA. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 1-12, 2018.

MELO, Joana D'Arc Ferreira de; SILVA, Márcio Roberto da; GAIA, Ronan da Silva Parreira. Tecnologias digitais, ensino remoto e desigualdades educacionais na EJA. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, p. 1-18, 2022.

MENDES, Alessandra Dultra; CORREIA, Dandala Lopes. Aprendizagens mediadas por TICS: Experiências formativas na Educação de Jovens e Adultos. **Revista EJA em Debate**, ano 12, n. 22, jul/dez. 2023.

RIBEIRO, Ana Cláudia de Souza. Trabalho, escolarização e tecnologias digitais na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 31, n. 2, p. 145-162, 2022.

RIDOLFI, Luiz Fernando *et al.* Formação docente, letramento crítico e gestão educativa: práticas emancipadoras na Educação de Jovens e Adultos. **Revista DCS, [S. l.]**, v. 22, n. 84, p. e3700, 2025.

RIDOLFI, Luiz Fernando *et al.* Formação docente e competências digitais: perspectivas, desafios e implicações na prática pedagógica contemporânea. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. e2907, 2026.

SILVA, Carlos Henrique da. WhatsApp e ensino de matemática na Educação de Jovens e Adultos: interação e aprendizagem significativa. **Revista Paranaense de Educação Matemática**, Campo Mourão, v. 10, n. 21, p. 114-132, 2021.

SILVA, Rosângela Maria da; SOARES, Leôncio José Gomes. Gestão municipal e permanência escolar na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 9, n. 17, p. 23-41, 2021.

TRINDADE, Rafael Martins; BARIN, Cláudia Smaniotto. Tecnologias digitais na Educação de Jovens e Adultos: lacunas, desafios e perspectivas contemporâneas. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, Sinop, v. 14, n. 1, p. 1-19, 2024.

VIEIRA, Márcia Aparecida; CRUZ, Simone Pereira da. Trajetórias femininas e escolarização tardia na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 921-940, 2017.